

## **UMA PROPOSTA DIDÁCTICA PARA O ENSINO DO LATIM**

**Maria Cristina Antunes Frutuoso**

Muito se tem falado ultimamente da crise do ensino do Latim. Basta fazer uma breve consulta às actas dos últimos colóquios sobre o ensino das línguas clássicas para que se possa verificar como esta tem sido objecto de reflexão por todos quantos se dedicam ao seu ensino.

Queremos, neste trabalho, reflectir sobre a possibilidade de tornar o ensino do Latim mais motivante e atractivo para os alunos porque pensamos que só conquistando os alunos que já temos poderemos incentivar outros na escolha de uma disciplina que à partida lhes parece adversa e de pouco interesse, dois "defeitos" que porventura a tornam tão escassamente solicitada.

O ensino do Latim poderá ter relativamente ao ensino das línguas modernas algumas desvantagens: o facto de ser feito, sobretudo, através do estudo de textos e da exploração gramatical dos mesmos. No entanto também lhe poderemos reconhecer atractivos que advêm da sua própria natureza.

Pensamos que o ensino do Latim deveria pôr em evidência o mistério que é o seu, o mistério de uma língua que não mais é falada mas que está indelevelmente ligada a uma grande civilização e que foi o berço do que é hoje a cultura ocidental. Tratar-se-á de sensibilizar os alunos para o encanto da descoberta de uma civilização e de uma língua tal como o faria um arqueólogo à procura de vestígios do passado. É esse mistério

arqueológico de reconstituição que deveria estar sempre presente como estratégia sem nunca se separar o que é a arqueologia linguística da arqueologia da civilização.

O ensino está hoje eivado de um certo pendor tecnocrático, pragmático, que é fruto da tentativa de aproximar a escola dos interesses produtivos da sociedade. Não negaremos a necessidade vital de ser o ensino uma forma de preparar os cidadãos para a sua integração profissional. No entanto, se bem que indispensável, esta ligação não deveria ser feita à custa do abandono quase total de um ensino com carácter humanístico cujo objectivo, para além da formação profissional, seja também a formação do homem como ser ético e estético. Até o ensino das línguas modernas foi invadido por esse turbilhão tecnocrático e perdeu-se em boa parte o estudo e o gosto pelas "Belles Lettres", que foi submetido ao pragmatismo comunicativo. O prazer do estudo de uma língua pelo seu lado poético é quase hoje relegado para as "Calendas Gregas".

A nossa proposta vai, pois, no sentido de conciliar o estudo da língua na sua vertente estética com aspectos que têm a ver de perto com os interesses dos alunos. Desenvolvendo este trabalho terão eles oportunidade de contactar com um período histórico da pré-nacionalidade e com uma personagem histórica e lendária que, embora não sendo ainda um português, agiu e se deslocou por parte do território romano hoje integrado no território nacional. Ampliarão, assim, os seus conhecimentos da língua e civilização romanas.

O que a seguir propomos destina-se ao 10º ano de escolaridade e poderá ser desenvolvido ao longo de seis aulas.

O tema escolhido foi *Viriato-chefe da resistência à ocupação romana*.

Para tal concebemos um guião de trabalho que seguidamente apresentamos e que se desenvolve essencialmente em três momentos. Inicialmente, propomos algumas leituras que deverão funcionar como motivação mas também como documentos informativos na medida em que ajudarão os alunos a inteirarem-se do tema ao mesmo tempo que facilitarão a compreensão do texto latino. Estas leituras deverão ainda ser acompanhadas da observação de alguns mapas da península Ibérica do tempo, para que os alunos possam situar com facilidade o que foi a Lusitânia e compreender também as sucessivas invasões romanas até à conquista total da península. Neste capítulo chamamos a atenção para a leitura da obra de João Aguiar, *A Voz dos Deuses*, onde se descreve a vida de Viriato e dos seus companheiros de campanha, como um con-

tributo importante para a percepção mais clara da época em que a personagem viveu bem como dos hábitos e costumes dos povos lusitanos. Seguidamente propomos a leitura do texto latino; escolhemos para este efeito excertos das obras de Floro e Eutrópio que sucintamente nos nararam a vida do chefe lusitano.

A partir da leitura dos textos, consideramos indispensável que o professor faça previamente algumas considerações acerca da vida e obra dos autores e da importância que têm na história da literatura latina.

Para a análise do texto latino, sugerimos em primeiro lugar um trabalho de pesquisa lexical, trabalho que o aluno deverá realizar fazendo apelo tanto aos conhecimentos da língua materna como aos já adquiridos da língua latina. Em segundo lugar propomos o estudo de alguns conteúdos gramaticais, nomeadamente o levantamento dos substantivos das três primeiras declinações, como actividade de consolidação de conhecimentos já adquiridos; o estudo do modo conjuntivo; o emprego do pronome relativo e das preposições.

Propomos em seguida exercícios de compreensão do texto a partir de um questionário a que os alunos responderão antes de lhes ser facultado o vocabulário do texto e procederem à tradução do mesmo. A tradução deve ser realizada em grupo com a ajuda do professor se para tal for solicitado. É necessário, cremos, que os alunos sejam autónomos neste tipo de trabalho, pois a tradução colectiva dirigida pelo professor é muitas vezes inibidora, temendo frequentemente o aluno apresentar as suas sugestões.

O trabalho seguinte prender-se-á com a importância do Latim na formação das línguas modernas e nele se deverá também ponderar o papel relevante do Latim como língua ainda hoje utilizada para a formação de neologismos. Os alunos deverão fazer o levantamento de algumas palavras latinas presentes no texto e explicar a sua evolução semântica e fonética. Aqui far-se-á apelo aos conhecimentos já adquiridos de algumas línguas estrangeiras.

Pensamos também ser útil levar os alunos a constituírem famílias de palavras, contribuindo deste modo para a aquisição de vocabulário que é essencial tanto no caso do Latim como no da competência em qualquer língua.

Finalmente sugerimos um exercício de investigação apoiado nas leituras de João Aguiar, José Mattoso e do grego Estrabão. Os alunos deverão redigir um pequeno trabalho subordinado ao tema OS LUSITANOS no qual deverão dar conta dos hábitos, das crenças, do tipo de organização política e social destes povos.

Este trabalho deverá ser, evidentemente, continuado, razão pela qual pensamos que a unidade didáctica seguinte se deverá debruçar sobre a ocupação romana da Lusitânia contribuindo, deste modo, para que os alunos se apercebam da profunda herança deixada por Roma na cultura nacional e na cultura europeia.

## GUIÃO

### 1. Actividades de leitura para motivação e informação

- Leitura de excertos do romance de João Aguiar, *A Voz dos Deuses*.
- Leitura do capítulo dedicado à conquista da Lusitânia in *História de Portugal* de José Mattoso, vol. I, pp. 212-217.
- Leitura do quarto capítulo do livro quinto de Orósio, *História contra os pagãos*.
- Leitura da *História das Guerras Ibéricas* de Apiano, cap. XI-XII.
- Visualização de mapas da Península Ibérica.

### 2. Actividades sobre os textos latinos

#### Floro e Eutrópio

- enquadramento histórico-literário
- Conteúdos linguísticos
  - Levantamento de vocabulário
  - Substantivos das três primeiras declinações
  - O modo conjuntivo
  - O pronome relativo
  - As preposições
- Aplicações práticas
  - Levantamento lexical
  - Análise morfossintáctica
    - a declinação
    - o emprego do modo conjuntivo
    - o uso do pronome relativo, a oração relativa
    - o emprego das preposições
  - Exercícios de compreensão, questionário sobre o texto

- Tradução
- Exercícios sobre o léxico
  - Constituição de famílias de palavras
  - do Latim ao português
    - fenómenos de evolução fonética
    - fenómenos de derivação

### 3. Trabalho de investigação

- Leitura dos parágrafos 3 a 8 do terceiro capítulo do livro terceiro, da *Geografia* de Estrabão.
- Leitura da obra de José Mattoso, *História de Portugal*, Vol. I, pp. 180-190.
- Leitura do romance de João Aguiar, *A Voz dos Deuses*.

## TEXTO LATINO

### *VIRIATO*

Ceterum Lusitanos Viriatus erexit, uir calliditatis acerrimae, qui ex uenatore latro, ex latrone subito dux atque imperator et, si fortuna cessisset, Hispaniae Romulus. (Floro)

Pastor primo fuit, mox latronum dux, postremo tantos ad bellum populos concitauit, ut assertor contra Romanos Hispaniae putaretur. (Eutrópio)

Non contentus libertatem suorum defendere, per quattuordecim annos omnia citra ultraque Hiberum et Tagnum igni ferroque populatus, castra etiam praetorum et praesidia adgressus, Claudium Vnimanum paene ad internecionem exercitus cecidisset et insignia trabeis et fascibus nostris quae ceperat in montibus suis tropae fixisset. (Floro)

Tandem eum Fabius Maximus consul oppresserat; sed a successore Popilio uiolata uictoria est: quippe qui conficiendae rei cupidus, fractum ducem et externa deditionis agitantem per fraudem et insidias et domesticos percussores adgressus, hanc hosti gloriam dedit, ut uideretur aliter uinci non potuisse. (Floro)

Eutrópio, Livro IV, XVI  
Floro, Livro I, XXXIII,

## EXERCÍCIOS

(Sugestões)

### A. Exercício de compreensão do texto.

Depois de leres o texto com atenção e com a ajuda do vocabulário procura responder ao questionário que se segue:

1. Quem foi Viriato?  
O que nos dizem a esse respeito Floro e Eutrópio?
2. Contra quem lutou?
3. Em que região travou os seus combates?
4. Que resultados obteve?
5. Como foi finalmente derrotado? Porquê?

### B. Análise morfossintáctica do texto

1. Identifica e explica o emprego das preposições que encontrares no texto.

Exemplo: *in montibus*

Prep. *in* + ablativo → Circunstância de lugar (onde)

Preenche o quadro que se segue:

|  | Prep. | Caso | Circunst. |
|--|-------|------|-----------|
|  |       |      |           |
|  |       |      |           |
|  |       |      |           |
|  |       |      |           |
|  |       |      |           |

2. Identifica todos os acusativos, no singular e no plural, que se encontram no texto, e a declinação a que pertencem.

Preenche o quadro que se segue:

| Caso<br>Declinação | Acusativo |        |
|--------------------|-----------|--------|
|                    | Singular  | Plural |
| 1 <sup>a</sup>     |           |        |
| 2 <sup>a</sup>     |           |        |
| 3 <sup>a</sup>     |           |        |

### C. Exercícios sobre o léxico

1. Estabelece, a partir de alguns vocábulos do texto ou das suas raízes, palavras portuguesas daí derivadas.

Exemplo:

|                       | Substantivos                                  | Adjectivos                              | Verbos   |
|-----------------------|---|---|----------|
| <i>LIBERTAS, ATIS</i> | Liberdade<br>Libertação<br>Liberticida<br>... | Libertador<br>Livre<br>Libertino<br>... | Libertar |

Preenche os quadros que se seguem:

|                 | Substantivos | Adjectivos | Verbos |
|-----------------|--------------|------------|--------|
| <i>DUX, CIS</i> |              |            |        |

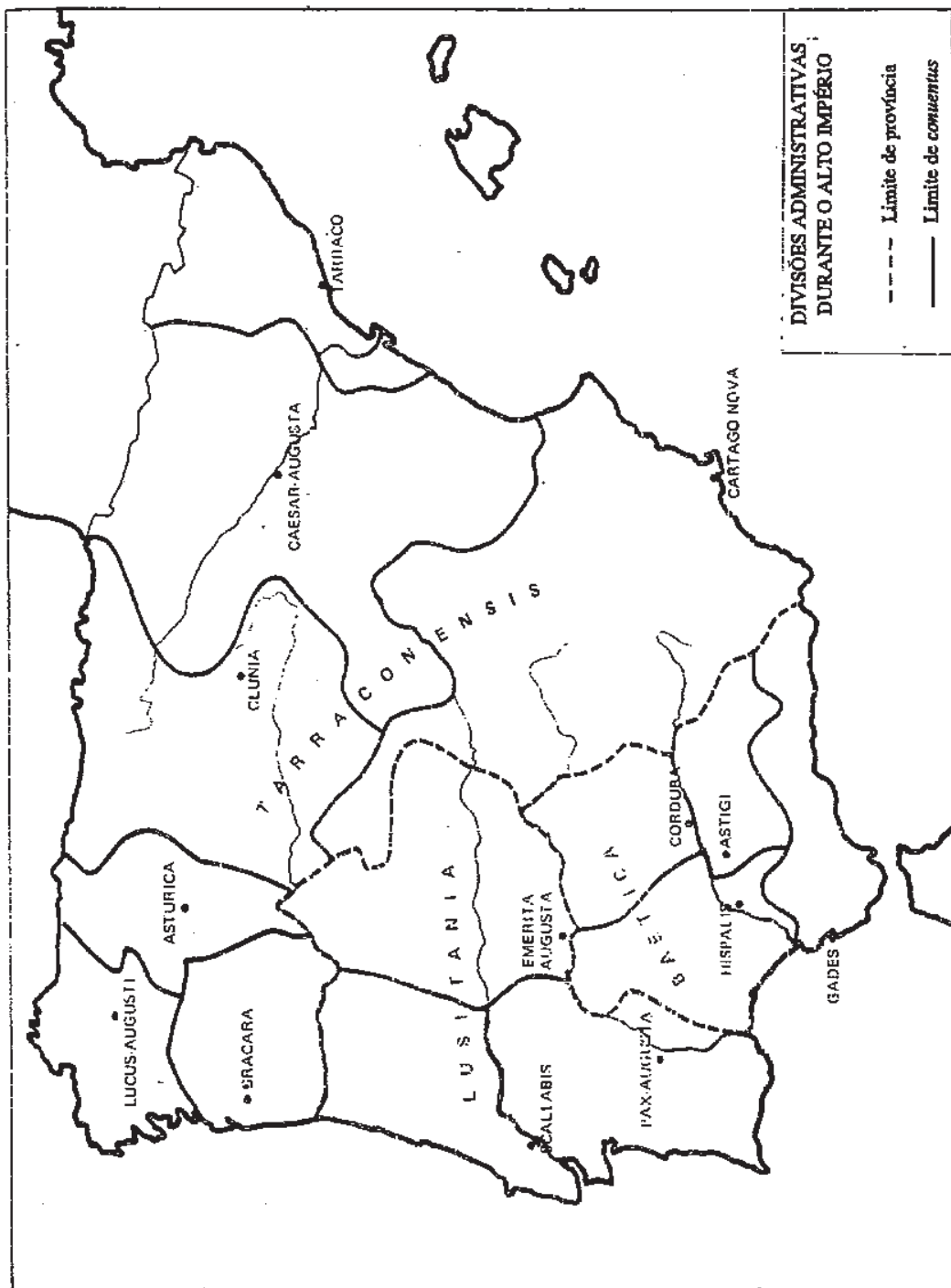
|                     | Substantivos | Adjectivos | Verbos |
|---------------------|--------------|------------|--------|
| <i>PASTOR, ORIS</i> |              |            |        |

2. Indica os vocábulos portugueses que derivaram das formas latinas a seguir enunciadas.

1. *latrone-* > \_\_\_\_\_
2. *duce-* > \_\_\_\_\_
3. *Imperatore-* > \_\_\_\_\_
4. *exercitu-* > \_\_\_\_\_
5. *consule-* > \_\_\_\_\_
6. *castru-* > \_\_\_\_\_

- 2.1. Explica a evolução fonética e/ ou semântica sofrida por estas palavras.





*A Hispania Romana*

J. Aguiar, *A Voz dos Deuses*

No dia seguinte, a parte da manhã foi dedicada às cerimónias religiosas, que se iniciaram logo ao romper do Sol. Porcos, touros, bodes e cavalos foram oferecidos aos deuses guerreiros de todas as tribos ali representadas. O número de vítimas era tão elevado que pelo meio-dia o ar tornou-se quase irrespirável com o cheiro a sangue, gordura e carne queimada que se desprendia das aras e das piras. Os presságios anunciaram muitos perigos e alguns reveses, mas também uma grande vitória. Fizeram-se então os juramentos solenes tomando os deuses por testemunhas e realizaram-se jogos: corrida, luta corpo-a-corpo e esgrima. Ganhei um prémio (uma adaga com o cabo de prata) numa das corridas. Ao fim da tarde, o vale encheu-se de luzes: milhares de homens – os vários contingentes tinham-se concentrado – sentavam-se em torno dos fogos onde cozinhavam os alimentos para a ceia.

Quando me dirigia ao meu acampamento, alguém me chamou: Táutalo, que insistia em felicitar-me pela vitória. Acabei por sentar-me ao seu lado e bebi com ele e com os seus companheiros, todos do grupo de Viriato. Este já se retirara para a sua tenda, após ordenar que a confraternização não fosse muito longe na bebida.

– E aposto – disse Táutalo – que o Comandante se deitou vestido e armado, já pronto para a partida. Para ele, guerra é guerra, até mesmo durante a noite!

Esse comentário proporcionou-me um ensejo – que eu esperava – para lhe pedir informações sobre o passado de Viriato: que família era a sua?, como se tornara um chefe de guerra?, tinha sangue real?

Táutalo não se fez rogado; conhecia Viriato desde a infância e, tal como todos os outros, sentia um imenso orgulho por combater sob a sua insígnia. Contou-me que o pai de Viriato, Comínio, fora um pequeno chefe tribal do vale do Tagus. Segundo o costume lusitano, o primogénito era o único herdeiro dos bens familiares e por isso Viriato, o terceiro filho (o segundo era uma rapariga), vira-se forçado, como muitos outros jovens, a escolher a vida rude dos bandos que saqueavam as ricas terras do Sul. Sobressaíra rapidamente pelas suas qualidades; a apoiá-las estava a experiência que tivera como criança e adolescente: aos cinco anos, o pai, antes de partir para a guerra, deixara-o com a mãe e os irmãos sob a

protecção dos Igeditanos, de quem era aliado. Comínio morrera em combate e Viriato crescera entre os guerreiros de Igedium e com eles se preparara para a guerra. Andara pelas serranias, guardara rebanhos, travara relações com os montanhese e quando atingira os dezasseis anos era um homem feito, curtido pelo vento e o ar livre, com enorme resistência física e uma admirável capacidade de comando. O primeiro bando em que se integrara depressa o elegera como chefe.

**APIANO, *História das Guerras Ibéricas***  
(tradução de José Cardoso)

**Cap. XI**

**Insurreição de Viriato contra os Romanos**

61. [Ano 148 a.C.] Não muito depois, os que escaparam à traição de Luculo e à de Galba, reuniram-se em número de 10.000. Em seguida fizeram correrias pela Turdetânia. Veio de Roma contra eles Gaio Vetílio que trouxe consigo um outro exército. Reuniu os soldados que estavam na Ibéria. Assim juntou em torno de si uns 10.000 homens em pé de guerra. Em seguida, atacou os forrageiros lusitanos e matou muitos deles. – Escorraçou-os, depois, para um local onde, se aí estacionassem, corriam perigo de fome; por outro lado, se porventura daí se afastassem, cairiam nas mãos dos Romanos. Deste modo era pois, difícil a situação do lugar. Por isso é que enviaram os Lusitanos emissários a Vetílio – com ramos de oliveira. Sem dúvida, com o pretexto de pedirem uma terra que pudessem habitar, a fim de que, a partir de então, em tudo ficassem sujeitos às tropas romanas. Prometeu Vetílio que lha daria – e de pronto se estabeleceu e firmou um tratado. Viriato, porém, que escapara à traição de Galba e se encontrava no meio deles, lembrou-lhes no momento o perjúrio dos Romanos e quantas vezes estes tinham violado tratados – que tinham ratificado com juramentos. Além disso, fez-lhes sentir como todo este exército lusitano era composto de homens que tinham escapado à traição de Galba e Luculo. Por outro lado, afirmou que se lhe quisessem obedecer, não lhes faltariam [meios para] se escaparem daquele lugar<sup>1</sup>.

---

1 À letra: se lhe quisessem obedecer não lhes faltaria a salvação daquele lugar. Viriato assegurou-lhes que os salvaria e arrancaria àquele lugar.

62. Entusiasmando-se elas e acalentando esperanças, foi Viriato eleito como seu general. Ora, tendo-os disposto a todos em linha de batalha como em combate, a uns ordenou-lhes que, quando montassem a cavalo, se separassem para muitas partes e debandassem como pudessem, por caminhos diversos, para a cidade de Tríbola, onde o deviam aguardar; aos 1.000 que apenas escolhera, ordenou-lhes que ficariam com ele. Feito isto, debandaram, mal Viriato saltou para cima do cavalo. Vetílio, porém, com receio de os perseguir, dado que se puseram em fuga em muitas direcções, voltou-se contra Viriato que ali permanecia e se detinha na expectativa do que iria suceder – e com ele travou combate, Vetílio. Todavia, Viriato que tinha cavalos muito velozes, acossou-o; e, ora se esquivava, ora de novo voltava e atacava. Assim passou Viriato aquele dia inteiro e o seguinte – correndo em todas as direcções na planície. Quando, porém, lhe pareceu que os da sua escolta tinham a fuga assegurada, então, de noite, jornadeando por ínvios andurriais, com cavalos muito lépidos correu à desfilada para a cidade de Tríbola, – e isto porque os Romanos não podiam segui-lo em igualdade de circunstâncias, por causa do peso das armas já, já por desconhecerem os caminhos, já ainda pela desigualdade dos cavalos<sup>2</sup>; desta maneira Viriato salvou o exército de uma conjuntura desesperada – quando já deixara de confiar em si próprio. Este estratagema foi divulgado entre os bárbaros da vizinhança e tornou-o famoso – e muitas [tribos] de todas as partes se lhe juntaram. Durante oito anos moveu Viriato guerra aos Romanos.

### Viriato derrota Vetílio

63. [Ano 147 a.C.] Parece-me conveniente [trazer à colação] a guerra empreendida por Viriato que sobremodo foi molesta aos Romanos e que lhes foi muito penosa para colocar num segundo plano o que quer que neste tempo aconteceu na Ibéria<sup>3</sup>. Vetílio perseguiu-o até alcançar Tríbola. Porém, Viriato, ocultando-se nas florestas para uma emboscada<sup>4</sup>,

---

2 Na verdade, os cavalos dos Lusitanos eram mais velozes, segundo o testemunho de Apiano.

3 O texto diz: *anathémenon eí ti toü autoü chrónou perì Ibérian allo egígneto*, i.e., pospondo o que quer que tivesse acontecido na mesma ocasião.

Parece-me que este pequeno parágrafo pertence em rigor ao nº 62. Todavia, como seguimos o texto de Horace White, M.A., LL. D. na sua ed. de 1958 aparecida em Londres e, em simultâneo, na Universidade de Harvard, em Massachussets, EUA, adoptamos a sua lição.

4 Melhor: emboscando-se nas florestas.

fugiu – até que Vetílio passou adiante. Entretanto Viriato voltou atrás, do mesmo modo que os que saíram da emboscada. Assim de ambos os lados matavam Romanos, e deles faziam prisioneiros, e os precipitavam nos barrancos. Também Vetílio foi feito prisioneiro. Todavia, aquele que o agarrou, ignorava-o. Assim, achando-o demasiado velho e obeso, matou-o, pelo facto de o não ter em nenhuma conta<sup>5</sup>. Dos 10.000 Romanos, a custo 6.000 fugiram para Carpeso – uma cidade do litoral que julgo ter-se outrora chamado Tartessos pelos gregos, e que foi governada por Argantónio. Este, segundo dizem, chegou aos 150 anos. Ora, aos trânsfugas de Carpesos o questor que seguia Vetílio dispôs-os, receosos, em linha de batalha nas muralhas. Tendo exigido aos Beles/Belli e Tites/Titthi 5.000 aliados de guerra e tendo-os recebido enviou-os contra Viriato. Mas este matou-os a todos, de tal maneira que nem sequer escapou um que fosse mensageiro [da catástrofe]; por seu turno, o questor/governador ficou na cidade aguardando calmamente o auxílio de Roma.

64. [Ano 146 a.C.] Viriato, enquanto atacava a ubérrima região da Carpetânia, facilmente a devastava, até que chegou de Roma Gaio Pláucio com 10.000 infantes e 1.300 cavaleiros. Então Viriato de novo simulou uma fuga – e Pláucio enviou cerca de 4.000 homens em sua perseguição. Tornando, porém, sobre eles, Viriato dizimou-os com excepção de alguns poucos. Depois atravessou o rio Tejo e acampou num monte coberto de oliveiras – que tinha por epónimo Afrodite<sup>6</sup>. Aí o alcançou, Pláucio. Ansioso por tirar desforra do seu desaire, travou batalha; mas tendo sido desbaratado e havendo sido feito grande morticínio, desordenadamente se pôs em fuga para as cidades. Foi para os quartéis de inverno no meio do verão. Na verdade não teve coragem de sair para nenhures<sup>7</sup>. Viriato fazia incursões com todo o despejo pela região e exigia aos proprietários<sup>8</sup> o valor das sementeiras<sup>9</sup>. Por outro lado, destruía as daqueles de quem não recebia tal valor.

---

5 I.e.: como não (sendo) digno de nenhum (valor).

6 Ou: chamado monte de Vénus.

Os povos ibéricos como os gregos e os romanos já tinham oragos do mesmo modo que como ulteriormente o virá a fazer a Igreja Católica com as igrejas das paróquias.

7 Ou: para nenhuma parte.

8 I.e.: aos que possuíam bens.

9 I.e.: dos frutos semeados.



### Máximo Emiliano desbarata Viriato

65. [Ano 145 a.C.] Quando em Roma se soube disto, enviaram à Ibéria Fábio Máximo Emiliano, filho de Emílio Paulo, que fez prisioneiro a Perseu, rei da Macedónia – e permitiram-lhe que recrutasse um exército. Ele, porém, como recentemente os Romanos tinham conquistado Cartago e a Grécia e haviam alcançado bom êxito na terceira guerra da Macedónia, para poupar<sup>10</sup> os homens que desses países regressavam, alistou adolescentes – que nunca antes tinham estado em nenhuma guerra, para [organizar] duas legiões. Por outro lado, aos aliados de guerra, exigiu-lhes um outro exército. Em seguida encaminhou-se para Órson, cidade da Ibéria, com um total de 15.000 peões e cerca de 2.000 cavaleiros. Todavia, porque não desejava travar combate antes de as tropas estarem treinadas, atravessou o Estreito em direcção a Gadir/Cádis, a fim de fazer sacrifícios a Hércules. Viriato, porém, atacando alguns dos homens dele que andavam por lenha, matou muitos deles e lançou o pânico no meio dos restantes. Mas como este lugar-tenente tivesse posto as tropas em linha de batalha, Viriato prontamente os desbaratou, assim amontoou numerosos despojos. Entretanto chegou Máximo; por seu turno, Viriato, de contínuo, dispôs os seus soldados em ordem de batalha, ao mesmo tempo que provocava Máximo para a luta. Todavia Máximo, porque o exército na sua globalidade não anuiu, [preferiu continuar] a exercitar os seus homens e, em muitos pontos fazer escaramuças/guerrilha com frequência, a fim de experimentar os inimigos e incutir coragem aos seus próprios soldados. Por outro lado, quando mandava pôr forragens, sempre fazia rodear os homens desarmados de legionários<sup>11</sup>. – E ele em pessoa fazia rondas com cavalos, como vira na Macedónia no tempo em que servia às ordens de seu pai Paulo. No fim do inverno, com o exército já treinado, atacou Viriato e foi o segundo general que lutou com êxito contra ele. [Ano 144 a.C.] Em seguida, de duas das suas cidades, a uma, saqueou-a; a outra, incendiou-a. Depois perseguiu Viriato, enquanto este se dirigia para uma localidade chamada Becor<sup>12</sup> e matou-lhe muitos dos seus homens. Passou o inverno em quartéis, em Córdova. Era já o segundo ano que dirigia as operações desta guerra. Depois que cometeu tais gestas [na Ibéria]

---

10 O texto tem apenas *pheidó*, dat. de *pheidó*, i.e., moderação medida; parcimónia, poupança.

11 À letra: armados, em armas.

12 Ou: Baicor.

Emiliano afastou-se para Roma. Sucedeu-lhe no comando Quinto Pompeio Aulo.

66. [Ano 143 a.C.] Depois disto, Viriato, desprezando ainda o inimigo do mesmo modo<sup>13</sup>, subtraiu ao jugo dos Romanos os Arévacos, os Tites/Titthi e os Beles/Belli – tribos muito aguerridas. Estes povos por sua conta e risco, empreenderam uma outra guerra – longa e penosa para os Romanos. [É uso] chamar-se-lhe "Guerra de Numância" de uma cidade deles. Incluirei também esta como consequência da "Guerra de Viriato". Este, noutra região mais distante da Ibéria, envolveu-se em luta com Quíncio, outro general dos Romanos. Como porém, Viriato tivesse sido desbaratado, acolheu-se ao monte Afrodite/Vénus. Entretanto, saiu deste lugar e destróçou cerca de 1.000 soldados de Quíncio e arrebatou-lhe alguns estandartes. Aos restantes, acossou-os até ao campo deles. Também repeliu a guarnição de Ituca. Depois devastou o país dos Bastetanos, dado que Quíncio, por cobardia e inexperiência não lhes levou auxílio, antes se recolheu aos quartéis de inverno em Córdova nos meados do Outono. Com frequência enviava contra Viriato C. Márcio – um ibero da cidade de Itálica.

## Cap. XII

### Continuação da Guerra de Viriato

67. [Ano 142 a.C.] No fim do ano, no comando do exército, sucedeu a Quíncio o irmão de Emiliano, i.e., Fábio Máximo Serviliano. Levou consigo de Roma mais duas legiões e alguns aliados de guerra – tropas que se cifravam aproximadamente em 18.000 peões e 1.600 cavaleiros. Enviou uma mensagem a Micipsa, rei da Numídia, a fim de lhe mandar elefantes, o mais depressa possível. Deu-se pressa em partir para Ituca – conduzindo o exército em divisões/troços. Viriato atacava com 6.000 homens, no meio da algazarra e do tumulto dos bárbaros, que usavam cabelos compridos, que nas guerras, afitam para atemorizar os inimigos. Sem nada se aterrar, Serviliano, denodadamente se lhe opôs e o repeliu sem nada fazer<sup>14</sup>. Mas, quando o resto do exército chegou com dez ele-

---

13 I.e.: como dantes.

14 [Os Lusitanos] usavam cabelos compridos – que, nas guerras, atavam com fitas, para atemorizarem os inimigos. [Foi assim que], no meio da algazarra e do tumulto dos bárbaros, Viriato atacou com 6.000 homens a Serviliano. Este, porém, não se

fantes e 300 cavaleiros de África<sup>15</sup>, Serviliano fortificou um vasto acampamento – e foi ele que tomou a iniciativa de atacar Viriato. Em seguida, tendo-o desbaratado, foi-lhe no encalce. No entanto, como a perseguição fosse desordenada e, durante a debandada, porque Viriato tivesse atentado nisso, voltou atrás. – Matou 3.000 dos Romanos; aos demais, encurralou-os no próprio acampamento. Atacou também o acampamento. Porém, alguns poucos detiveram-no junto das portas, visto que a maior parte se meteu nas tendas por temor [de Viriato], e, daí sendo retirados a custo pelo general e pelos quiliarcas<sup>16</sup>. Então Fânio, cunhado de Lélío revelou extraordinária bravura e galhardia. Por outro lado, a aproximação da noite salvou os Romanos. No entanto, Viriato fazia incursões de noite já, já à hora do calor/dia. Nem sequer desperdiçava qualquer oportunidade inesperada; antes, com tropas ligeiras e com cavalos velocíssimos atormentava os inimigos. Por fim, forçou Serviliano a afastar-se para Ituca.

68. Enfim, como lhe faltassem as provisões, então Viriato, com um exército muito reduzido, incendiou o seu acampamento durante a noite e retirou-se para a Lusitânia. Por seu turno, Serviliano, que não o alcançara, acossou-o até à Bétúria e saqueou cinco cidades que estiveram ao lado de Viriato. Após isto, dirigiu o exército para o país dos Cúnios donde de novo fez marchas forçadas para a Lusitânia – com o escopo de atacar Viriato. Enquanto porém, se encontrava em marcha, dois capitães de ladrões<sup>17</sup>, Cúrion e Apuleio com 10.000 homens atacaram-no, lançaram a confusão no meio dos romanos e arrebataram-lhes os despojos. Todavia, Cúrion tombou neste combate. Em contrapartida, Serviliano, não muito depois recuperou a presa. Além disso tomou as cidades de Escádia, Gemela e Obólcola – que haviam sido fortificadas por Viriato; devastou outras; a outras ainda, perdoou-lhes. Por outro lado, fez cerca de 10.000 prisioneiros; cortou a cabeça a 500 deles; aos restantes vendeu-os como escravos. Reccebu ainda Cónoba, capitão de salteadores – que se lhe entregara. Assim poupou-o apenas a ele; a todos os outros que estavam com ele, cortou-lhes as mãos.

---

perturbou minimamente; antes, com denodo se lhe opôs e o repeliu sem nada fazer.

15 I.e.: cavaleiros númidas.

16 I.e.: tribunos militares.

17 I.e.: bandoleiros, salteadores.



### **Serviliano firma um tratado com Viriato**

69. Na perseguição a Viriato, Serviliano atacou Erisana, uma das suas cidades e rodeou-a de fossos. Todavia, Viriato, durante a noite, entrou nesta cidade; e, ao romper da alva, atacou os que faziam os entrincheiramentos. E isto até atirarem fora as enxadas e dabandarem. Em seguida cargou do mesmo modo o resto do exército que Serviliano tinha posto em linha de batalha. Logo após Viriato foi na sua peugada e rechaçou-o até aos abismos donde não era possível aos Romanos escaparem. Todavia, Viriato não se ensoberbeceu com esta vitória; antes, pensando que a guerra estaria para si em beleza<sup>18</sup>, por esplêndido favor ou graça<sup>19</sup>, pactuou com os Romanos. – E o povo Romano deu-lhe o seu beneplácito a tais tratados<sup>20</sup>. Viriato foi tido à conta de amigo de Roma, e deliberou-se que todos os que lhe estavam sujeitos eram senhores das terras que ocupavam. Dest'arte parecia ter chegado ao fim a Guerra de Viriato que fora sobremaneira difícil para os Romanos – e isto devido a um acto de generosidade [da parte de Viriato].

### **Os Romanos rompem o tratado de paz firmado com Viriato**

70. [Ano 140 a.C.] Contudo não se esperou nem sequer para breve por aquilo que estava planeado. Sem dúvida Cipião, irmão de Serviliano, que firmara estes pactos, e que lhe sucedera no comando dos exércitos, rompeu os tratados e enviou uma mensagem a Roma em que asseverava serem eles demasiado desonrosos para os Romanos. Ora, o Senado primeiramente concordou com ele que secretamente provocasse Viriato – na medida em que o julgasse oportuno. Como, porém, de novo se sublevasse e enviasse mensagens, julgou Cipião ser conveniente rasgar os tratados e abertamente e sem reboços, declarar guerra a Viriato. Ora, quando claramente foi decretada, Cipião, depois de Viriato abandonar a cidade de Arsa, conquistou-a e alcançou o próprio Viriato na fuga – que destruíra tudo à sua passagem pela Carpetânea. – E isto porque o exército romano tinha efectivos militares muito mais numerosos. Daí que Viriato julgou por bem não se envolver em luta com ele – em virtude da exigui-

---

18 I.e.: que a fortuna lhe proporcionava vitória retumbante...

19 I.e.: num acto de extrema generosidade [dos deuses].

20 I.e.: confirmou os tratados.

dade das suas tropas. Por outro lado, ordenou à maior parte/ou grosso do exército que se esgueirasse pelos recessos dum certo desfiladeiro. Em contrapartida, ao resto, tendo-o posto em linha de batalha no visio dum oiteiro, fazia supor que estava disposto a combater. Mas, quando teve conhecimento que aqueles que tinham sido enviados antes/adiante, estavam já em segurança, partiu a cavalo ao seu encontro, com total desprezo pelo inimigo e com tanta rapidez que nem sequer deu por os que o perseguiram para onde ele corria à desfilada. Entretanto, Cipião, voltando-se contra os Vetões e os Calaicos, devastou-lhes os campos.

### Entra em cena Sexto Júnio Bruto

71. [Ano 138 a.C.] Com o estímulo dos feitos de Viriato, muitos outros guerrelheiros faziam correrias na Lusitânia e devastavam-na. Sexto Júnio Bruto foi enviado contra eles; no entanto desesperou de os perseguir através de uma extensa região por onde correm rios navegáveis como o Tejo, e o Letes<sup>21</sup>, e o Douro, e o Bétis<sup>22</sup>. Sem dúvida julgava ser extremamente difícil alcançá-los, enquanto rapidamente mudavam de lugar para lugar, como [usam de fazer] guerrelheiros. Por outro lado, considerava ser vergonhoso para si não os apanhar, assim como [não ser para si] empresa brilhante o vencê-los. No entanto voltou-se contra as suas cidades, pois pensava que se vingaria deles e asseguraria ao exército grandes lucros; e, por outro lado, que dispersaria os bandoleiros cada um para o seu lugar, quando a Pátria corresse perigo. Ora, planeando isto, assolava tudo [quanto lhe aparecia] no caminho<sup>23</sup>. – Ainda a despeito as esposas combaterem ao lado dos maridos e na sua companhia perecerem, e apesar de tombarem<sup>24</sup> nestas hecatombes sem proferirem sequer um grito. Houve quem também trepasse às montanhas com quanto podia levar. A estes, quando lho pediam, Bruto concedia-lhes o perdão e quinhoava/repartia os seus bens.

---

21 Na mitologia greco-romana era um rio dos infernos ou regiões inferiores, cujas águas produziam o esquecimento do passado. Segundo a lenda, gregos e romanos, seduzidos pelas paisagens da Ribeira-Lima temiam atravessar o rio do esquecimento que era o Lima, com o receio de se olvidarem da própria pátria e ficarem para sempre nas terras ribeirinhas de semelhante rio.

22 Ou Guadalquivir cujas águas, do mesmo modo que as do Tejo e as do Douro transportavam pepitas de ouro – no dizer de Estrabão.

23 O texto diz apenas – a seus pés.

24 Na perspectiva da ética militar dos povos da Península, era prática corrente as mulheres combaterem ao lado dos homens e com eles perecerem, sendo caso disso para não se tornarem prisioneiras dos Romanos e serem vendidas como escravas (...).

### Bandos de guerrilheiros coaliam-se com Viriato

72. [Ano 137 a.C.] Júnio Bruto atravessou o rio Douro. Fez correrias a muitos territórios a que levou a guerra. Àqueles que se lhe entregavam, exigiu-lhes muitos reféns. Encaminhou-se para o Letes – e foi o primeiro dos Romanos que pensou atravessar este rio. Ora, atravessou o Letes e avançou até outro rio – o Nímio<sup>25</sup>. Em seguida fez uma expedição contra os Brácaros, porque estes lhe roubavam os víveres que transportava. Sem dúvida, os Brácaros eram um povo belicosíssimo. É fora de dúvida que eles combatiam juntamente com as mulheres armadas e morriam como bravos – sem que nenhum deles recuasse nem voltasse as costas à luta nem proferisse um grito. Por seu turno, das mulheres que são feitas prisioneiras, umas matam-se a si próprias; outras ainda, estrangulam os filhos com as suas próprias mãos. Na verdade, rejubilam mais com a morte do que com a condição de prisioneiras. Existem algumas cidades que então se renderam a Bruto, mas que pouco depois se afastaram. Porém, a estas, as reduziu Bruto ao seu poder.

73. Chegou à cidade de Talábriga – que muitas vezes se lhe submeteu e muitas outras se sublevaram e lançou a perturbação. Os seus habitantes chamaram-no em seu auxílio e entregaram-se-lhe para o que ele desejasse. Por sua vez, S. Júnio Bruto exigiu primeiro os desertores, os prisioneiros e quantas armas tinham. Além disso, exigiu-lhes os reféns. Em seguida, ordenou-lhes que abandonassem a cidade na companhia dos filhos e das mulheres. Quando, porém, também isto fizeram<sup>26</sup>, cercou-os com um exército e arengou-lhes ao mesmo tempo que lhes lembrava quantas vezes se tinham rebelado e quantas guerras contra ele tinham empreendido. Assim incutiu neles o receio e a certeza de que algum castigo teriam por aquilo que tinham feito. Depois pôs termo às censuras. Em seguida, dos cavalos, e das provisões, e dos dinheiros públicos<sup>27</sup>, ou de quaisquer outros recursos não privados que houvesse – de tudo os despojou. Todavia, imprevisivelmente concedeu-lhes que de novo habitassem a cidade. Depois de semelhante façanha<sup>28</sup> afastou-se para

25 Não será o rio Minho? Parece que Brácaros também eram os povos para além do Nímio (Minho?).

26 Como também nisto lhe obedeceram...

27 I.e.: o tesouro/erário público...

28 O texto diz *tosade mén Broïtos ergasámenos*, i.e., por outro lado, tendo Bruto realizado tais [gestas/façanhas]...

Roma. Reuni estas gestas na "Guerra de Viriato", porquanto começaram a ser cometidas nessa mesma ocasião por outros bandoleiros – em virtude do exemplo deste (Viriato).

### Cipião manda assassinar Viriato

74. [Ano 140 a.C.] Para concertarem as pazes, Viriato enviou a Cipião os seus mais fiéis amigos – Áudax, Ditalcon/Ditalco e Minuro. Estes, foram subornados por Cipião com grandes dádivas e muitas promessas. Em face disto garantiram-lhe que iriam matar Viriato. – E mataram-no assim: Em virtude das preocupações e canseiras, Viriato encontrava-se ligeiramente adormecido. Repousava desarmado em grande parte, a fim de que, mal fosse despertado imediatamente para tudo estivesse pronto. Ora, os amigos podiam encontrar-se com ele enquanto dormia. Então, devido a este costume, os apaniguados<sup>29</sup> de Áudax, quando começou a dormir<sup>30</sup>, acercaram-se da tenda de Viriato com o pretexto de algo que requeria pressas. Em seguida apunhalaram-no na garganta, visto que era a única parte do corpo que não estava protegida com armaduras<sup>31</sup>. E como de nada se deu conta em virtude da oportunidade do golpe, correram ao encontro de Cipião e exigiram-lhe alvís-saras. Este imediatamente lhes concedeu que sem temor possuissem quanto já haviam recebido. Por outro lado, acerca do que exigiam, mandou-os a Roma. Quando amanheceu, os fâmulos de Viriato e o resto do exército, julgando que ele repousava ainda, estranhavam aquele longo repouso, por não ser usual<sup>32</sup>. Finalmente, alguns descobriram que Viriato, desarmado, jazia morto. De súbito se levantou em todo o acampamento um câro de lamentações e dor. Todos estavam consternados com a morte do seu chefe e receavam pela sua própria sorte. Meditavam ainda em que semelhantes perigos estavam metidos e de quão grande general ficam privados. E a dor acometia-os sobremaneira intensa; porque não logravam apanhar os que perpetraram semelhante crime.

---

29 À letra: os do seu séquito/os da sua comitiva.

30 I.e.: começando o sono...

31 O texto é muito conciso e diz tão somente, porque estava armado, apunhalaram-no na garganta/gorja; na verdade, não estava [desarmado] em qualquer outra parte do corpo.

32 O laconismo do texto diz apenas: estavam admirados por causa do descostume.



### Perfil moral de Viriato

75 Assearam o corpo de Viriato – e de seguida queimaram-no numa pira muito alta. Ofereceram-lhe muito sacrifícios. Em grupos, tanto peões como cavaleiros, rodearam<sup>33</sup> desarmados o corpo de Viriato. Louvavam-no à maneira dos bárbaros<sup>34</sup>. Todos se sentaram em torno da pira até que o fogo se extinguiu. Depois que terminaram os funerais, sobre o túmulo de Viriato fizeram combates de gladiadores<sup>35</sup>. Tal a saudade que deixou de si Viriato – Guerreiro que, a despeito de bárbaro, possuía as maiores qualidades de comando<sup>36</sup>. Este em tudo e acima de todos se revelou muito amante do perigo. Na distribuição dos despojos sempre este guerreiro recebeu quinhões iguais. Sem dúvida, jamais consentiu receber maior quinhão, ainda que sempre a tal o exortassem. Além disso, o que quer que tomasse para si, distribuía-o pelos que mais bravos se tinham mostrado. Por esta razão é que durante os oito anos desta guerra, possuiu um exército heterogéneo mas sem dissídios. Sem dúvida estas tropas não só sempre se lhe submeteram, senão que ainda se mostraram muito prontas nos perigos – eis a tarefa mais difícil e que em nenhures qualquer outro general facilmente concretizou. Então os bárbaros elegeram Tântalo como seu chefe e fizeram uma expedição contra Sagunto, que Aníbal, depois de a haver destruído, reconstruiu. O mesmo Aníbal lhe chamou Nova Cartago/Cartagena – do nome da sua própria pátria. Ora, daí foram repelidos os bárbaros. Todavia atravessaram o rio Bétis/Guadalquivir. Porém, Cipião atacou-os até que Tântalo exausto se lhe entregou. Entregou do mesmo modo todo o exército; no entanto, com a condição de serem tratados como povos submetidos. Por seu turno, Cipião despojou-os de todas as armas e concedeu-lhes terra suficiente, para que se não dedicassem à pilhagem por carência dela.

---

33 À letra: em círculos, correndo à volta dele...

34 Ou: entoavam cantos fúnebres/*péanes*, à maneira dos bárbaros.

35 Adj. *monómachos* também significa "que luta em combate singular".

36 O adj. *archikós* (superl. no texto) significa "capacitado ou que tem capacidade e direito para mandar".

P. ORÓSIO, *História contra os pagãos*.

## Livro V, IV

(tradução de José Cardoso)

## CAPÍTULO 4

Também no consulado de Cn. Cornélio Lêntulo e L. Múmio, apareceu nas Espanhas um certo Viriato pertencente à *nação dos Lusitanos*. Era pastor e salteador<sup>37</sup>. Primeiro, começou por sair aos caminhos; depois, pôs-se a arrasar as províncias; finalmente, causou o maior pânico entre todos os Romanos. É que vencera exércitos romanos de pretores e cônsules; pusera-os em debandada; chegara mesmo a subjugar-los. Mais ainda: transpôs o Ebro e o Tejo – rios muito caudalosos que irrigam regiões muito diversas. Depois de haver atravessado esses rios, fez incursões numa grande extensão das terras por eles banhadas. O pretor Vecílio ousou ir ao encontro de Viriato e fazer-lhe frente. Porém, de pronto, o chefe lusitano desbaratou quase todo o exército romano – a ponto de se chegar à beira do aniquilamento completo. O pretor C. Vecílio a custo logrou esgucirar-se e pôr-se a salvo na companhia duma pequena comitiva.

Mais tarde, o mesmo Viriato derrotou, em vários recontros, o pretor C. Pláucio – e pô-lo em fuga. Também foi ulteriormente enviado contra Viriato Cláudio Unimano – que tinha preparado um grande aparato bélico. Partira ao encontro do chefe lusitano, com o propósito de lavar a mancha das derrotas anteriores. Todavia, Unimano mais não fez que agravar a desonra. Na verdade, no recontro que teve com Viriato perdeu todas as tropas que levava consigo – ao mesmo tempo que eram trucidados numerosos efectivos do exército dos Romanos. Nas suas montanhas, Viriato cravou no solo como troféus *trabeas*<sup>38</sup>, feixes<sup>39</sup> e demais insígnias romanas.

---

37 Consulte-se a propósito a *Geografia da Ibéria*, de Estrabão, trad. do grego feita por José Cardoso (ed. do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, 1965).

38 Espécie de toga de tecido côr de púrpura ou enfeitada de bandas dessa côr, e importada dos Sabinos (confronte Francisco Torrinha, in *Dicionário Latino-Português*, s.u.).

39 Feitos de varas de olmo ou bétula ligadas por uma correia, muitas vezes com uma machadinha no meio delas, que os *lictors* levavam à frente dos primeiros magistrados como símbolo do poder que lhes assistia de castigar.

Nessa mesma altura, 300 Lusitanos travaram combate num desfiladeiro com 1.000 soldados romanos. O historiador Cláudio conta que nesta pugna morreram 70 lusitanos e que, em contrapartida, dos Romanos pereceram 320.

Os Lusitanos dispersaram-se e afastavam-se vitoriosos e confiantes. Um deles, porém, distanciou-se demasiados dos demais companheiros. Acontece, entretanto, que os cavaleiros se espalharam em redor e caminhavam a pé. Assim, agarrou-se a um dos cavalos que tinha sido varado pela lançada do próprio cavaleiro. Então, com um só golpe da sua espada, decepou a cabeça do referido cavaleiro. Depois, abalou e amedrontou de tal maneira todos os demais que se retirava ufano e displicente relativamente a todos quantos olhavam para si.

No consulado de Ápio Cláudio e Q. Cecílio Metelo, Ápio Cláudio teve um recontro com os Gauleses Salassos<sup>40</sup>. Foi derrotado e perdeu 5.000 soldados. De novo se travou combate. Então o cônsul chacinou 5.000 inimigos.

Segundo o que estava estipulado pela lei, todo aquele que tivesse exterminado 5.000 inimigos, tinha direito a organizar um cortejo triunfal. A ser assim, Ápio Cláudio também exigira as honras do triunfo. Todavia, porque, anteriormente, experimentara a derrota, não obtivera a mercê de ser transportado triunfalmente até ao Capitólio. Então, refugiou-se na desonra, no despejo e na vanglória. Assim, a expensas suas, organizou um cortejo triunfal – a título particular.

Estava-se no consulado de L. Cecílio Metelo e Q. Fábio Máximo Serviliano. Entre outros prodígios, apareceu em Roma um andrógino<sup>41</sup>. Então foi lançado ao mar por ordem dos arúspices. Porém, de nada aproveitou o sacrifício expiatório praticado por ímpios. Sem dúvida, de súbito apareceu um surto epidémico de peste. Atingiu tais dimensões que nem sequer eram bastantes os próprios ministros que presidiam aos funerais. Isto ao princípio, já que, depois, nem mesmo os havia. Até as casas senhoriais com grandes efectivos de pessoal, ficaram vazias de vivos e se encheram de mortos.

Dentro dos muros da cidade havia fartas heranças; em contrapartida faltavam os herdeiros que sucumbiam ceifados pela morte. Por fim acabou-se por negar a possibilidade não só de viver na cidade, mas até de as pessoas se acercarem de Roma. De tal modo eram fétidos e pútridos os odores que exalavam por toda a cidade os que mirravam nas suas casas e os cadáveres que jaziam nas suas esteiras.

---

40 Tribo dos Alpes.

41 Ou: hermafrodita.

Aquele sacrifício expiatório foi inumano – e tanto que a morte de um só homem abriu o rasto para a morte dos homens que sucumbiam em Roma. No meio das suas desgraças, os Romanos acabaram por sentir vergonha e compreenderam a tragédia e a inutilidade do sacrifício expiatório praticado na pessoa do hermafrodita. Com efeito, anteriormente, perorou-se e foi-se para um sufrágio sobre a prevenção da tragédia, da mortandade<sup>42</sup>. – E, assim, seguiu-se a peste. Todavia, a peste foi debelada – sem a prática de quaisquer sacrifícios expiatórios (ou propiciatórios). A epidemia foi vencida tão somente mercê dos desígnios insondáveis e ocultos, e quando se completou o tempo adequado.

Os arúspices, aqueles famosos impostores, mestres de burlas e logros e embustes tinham por acaso, celebrado os seus ritos para a vitória sobre as próprias doenças. Fizeram-nos de acordo com as suas práticas rituais. É fora de dúvida que reivindicavam para si a gloriola do restabelecimento da saúde – mediante o exercício do seu mister em relação com as suas divindades e os seus ritos.

Era assim que os arúspices brincavam com a cidade que tinham de enfrentar as calamidades ou os cataclismos. Logravam também a cidade que se dedicava a práticas religiosas grosseiras e que era obrigada a cometer sacrilégios.

E Roma não lograva libertar-se das mentiras e embustes em que os áugures a faziam cair.

Ora, o cônsul Fábio combateu contra os Lusitanos e Viriato e conseguiu libertar a cidade de Búcia que Viriato sitiava. Primeiro, Fábio teve de rechaçar os inimigos. Aceitou a capitulação de Búcia, assim como a de muitos outros ópidos.

O mesmo Fábio cometeu um crime nefando nos povos bárbaros que habitavam os confins da Cítia. Não direi que a prática desse crime obedece à confiança que Roma pôs na sua pessoa. Muito menos afirmarei que se coaduna com a moderação de que Roma usava para com os vencidos. É que matou pelas suas próprias mãos 500 próceres de tais povos. E o cônsul Fábio tinha-os convidado para aliados de Roma – e acolhera-os de acordo com o Direito Internacional que visa os casos de rendição.

Pompeio foi o cônsul do ano seguinte. Entrou nos territórios dos Numantinos. Mas teve de fugir – depois de lhe haver sido infligida uma pesada derrota. Na verdade, quase todo o seu exército foi desbaratado. Mais ainda: foram exterminados muitos dos nobres que comandavam aquela expedição militar.

---

42 Tendo-se exterminado o andrógino – ao lançá-lo às águas do mar.



Viriato cilindrara comandantes e exércitos romanos durante 14 anos. Viriato foi morto por homens de armas que lhe armaram ciladas. Os Romanos esforçadamente actuaram contra Viriato no solo da traição e das armadilhas, porque julgaram indignos de recompensa os matadores do guerreiro lusitano.

Por minha parte, se assim o quisesse, podia, agora e sempre, narrar as famosas guerras do Oriente. E as causas de tais guerras são enigmáticas e indecifráveis. Nunca, ou raramente, começam ou terminam sem crimes, esses conflitos bélicos. Porém, as guerras movidas pelos Romanos com os quais temos obrigações e deveres, atingem uma tal importância que as alheias com razão nos causa tédio o estudá-las.

Por essa mesma altura, Mitridates, sexto rei do país dos Partos desde Ársaces, invadiu e derrotou a cidade de Babilónia e todo o seu alfoz. Primeiramente, vencera o governador Demétrio. Em seguida, subjuguou todos os povos que ficam a orilhas dos rios Hidáspes<sup>43</sup> e Indo. Rei sanguinário, estendeu o seu Império até à Índia.

Numa segunda guerra, derrotou e fez prisioneiro o próprio Demétrio que ousara arrostar contra ele. Depois da captura de Demétrio, um certo Diódoto com o filho Alexandre usurpou o reino de Demétrio, bem como o próprio nome. A seguir, matou o próprio filho Alexandre – apesar de este haver corrido o mesmo risco na invasão do reino de Demétrio. Assim agiu, para que seu filho não partilhasse da conquista do poder.

Durante o consulado de M. Emídio Lépido e C. Hostílio Mancino ocorreram diversos prodígios e foram apreciados como é costume, a saber: no quanto existe neles algo de interesse. Mas nem sempre os casos oportunos são favoráveis aos harúspices – construtores de logros e mentiras e intérpretes de fenómenos através do estudo (do voo) das aves. Na verdade, o cônsul Mancino, depois de ter recebido junto de Numância o exército cujo comando passara de Popílio para si, com bastante desfortuna, perdeu todos os combates que travou. Assim, chegou às raias do desespero – e de tal maneira que se viu obrigado a fazer com Numância um tratado de paz vergonhoso. Também já um pouco antes Pompeio fizera com os Numantinos um outro tratado de paz igualmente desonroso para Roma. Todavia, o Senado ordenou que se rompesse o tratado de paz e que o cônsul Mancino fosse entregue aos Numantinos. Estes expuseram-no às portas da sua cidade de Numância. Porém, não sem que primeiro lhe desnudassem o corpo, lhe algemassem as mãos atrás das costas. Abandonado dos seus homens, Mâncino permaneceu até à noite

---

43 I.e.: um afluente do rio Indo.

junto das portas da cidade. Por outro lado, os inimigos não o aboletaram. Assim, proporcionou a Romanos e a Numantinos um espectáculo em tudo digno de lástima.

**Estrabão, *Geografia*, Livro III, cap. IV, 3-8**

(tradução de Gabriel Pereira)

3. Ao norte do Tejo dilata-se a Lusitania habitada pela mais poderosa das nações ibericas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. Este paiz tem por limites ao sul o Tejo, a oeste e norte o oceano, a oriente as possessões dos carpetanos, dos vettões, dos vacceus e dos callaicos, não fallando senão dos povos conhecidos, porque ha outros que não merecem nomear-se, por obscuros e pouco importantes. Em opposição ao que acabamos de dizer alguns auctores modernos comprehendem entre os povos lusitanos estas tribus limitrophes. N'este caso devemos dizer que estas tribus confinam, pelo lado de léste, os callaicos com o territorio dos asturos e dos celtiberos, e as outras todas com a Celtiberia. O comprimento da Lusitania (até ao cabo Nerio) é de 3000 estadios; enquanto á largura medida do limite oriental á costa maritima que a defronta é muito menor. Toda a região oriental é elevada e aspera, mas para baixo até ao mar o paiz só forma uma planura apenas interrompida por algumas montanhas de altura mediocre. Assim Possidonio não approva Aristoteles por attribuir o phenomeno das marés á disposição desta costa e da Maurusia, como se o refluxo do mar fosse devido á elevação e á natureza esparcelada destes extremos da terra habitada que recebendo a onda com dureza naturalmente deviam repellil-la do mesmo modo: de facto as costas da Iberia, como Posidonio o nota com razão, consistem na sua grande maioria em dunas muito baixas.

4. O paiz que descrevemos é rico e fertil; rios grandes e menores o cortam, todos vindos do oriente, correndo parallellos ao Tejo; no maior parte podem subir-se, e arrastam palhetas de ouro em grande quantidade. As mais conhecidas destas correntes a partir do Tejo são o Mundas e o Vacua; ambos podem subir-se a curta distancia apenas. Vem depois o Douro cuja origem é mui longiqua, banha Numancia ou Nomantia e muitos outros logares pertencentes quer aos celtiberos quer aos vacceus; os grandes navios mesmo podem subil-o por 800 estadios quasi. Cortam-se ainda outras correntes e chega-se ao Léthes. Este rio que os authores chamam tambem ora Limeas, ora Oblivio (h), desce egualmente da

Celtiberia e do paiz dos vacceus. O mesmo acontece ao Baenis que lhe succede: o Bacnis ou Minio, como algumas vezes lhe chamam, é de todos os rios da Lusitania o maior, e muito, e póde subir-se como o Douro pelo espaço de 800 estadios. Segundo Possidonio vem, como o Douro, do paiz cantabrico. A foz é dominada por um ilha e protegida por uma dupla restinga a cujo abrigo podem os navios fundear. Notemos aqui uma disposição natural bem feliz: os leitos de todos estes rios estão mui profundamente cavados, o bastante para conter as ondas da maré na enchente, o que obsta aos alagamentos e impede que as planicies proximas sejam inundadas. O Benis foi o termo das operações de Bruto; para cima d'este ainda se encontram outros rios correndo parallelamente aos precedentes.

5. Os ultimos povos da Lusitania são os artabros que habitam parte do cabo Nerio. Na visinhança do mesmo cabo que forma a extremidade tanto do lado occidental como do septentrional da Iberia habitam os celticos, proximos parentes dos das margens do Anas. Conta-se com effeito que um bando d'estes ultimos emprehendera outr'ora uma expedição em companhia dos turdulos contra os povos d'esta parte da Iberia, e entrara em desordem com os seus aliados logo na margem ulterior do Liméas, e perdendo em tal occasião para cumulo de desgraça o chefe que o commandava se espalhou no paiz decidido a permanecer ahi, o que fez dar ao Liméas esta denominação de rio do Léthes ou do Olvido. As cidades dos artabros estão agglomerados em roda dum golpho conhecido pelos maritimos que praticam estas paragens pelo nome de *porto dos artabros*. Hoje todavia dá-se aos artabros mais vulgarmente o nome de Arotrebas. – Trinta povos (i) diversos habitam a região comprehendida entre o Tejo e a fronteira dos Artabros; mas, ainda que este paiz seja naturalmente rico em fructos e gado, e tambem em ouro, prata e outros metaes, a maioria d'estes povos renunciou a aproveitar estas riquezas naturaes para viver vida de salteadores; sempre na verdade viveram em guerras ou entre si, ou com os seus vizinhos além do Tejo, até que os romanos puzeram fim a este estado de cousas fazendo descer os povos da montanha para a planicie, e reduzindo a maior parte das suas cidades a simples burgos, fundando ao mesmo tempo algumas colonias entre elles. Foram os serranos, como facilmente se crê, que iniciaram a desordem; habitando um paiz triste e selvagem, possuindo tão sómente o necessario, desceram a cubigar o bem de seus vizinhos. Estes por sua parte tiveram para os repellir de abandonar os seus proprios trabalhos e como elles mesmos se puzeram a guerrear em vez de cultivar a terra, o paiz pela falta de cuidados cessou de produzir alguma cousa, nem mesmo os fruc-

tos que lhe eram naturaes, a ponto de se tornar em verdadeiro abrigo de salteadores.

6. Os lusitanos segundo contam são excellentes para armar embuscadas e descobrir pistas; são ageis, rapidos, dextros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diametro, a parte anterior é concava; trazem-no suspenso ao pescoço por correias, não se vê um só com braçadeiras ou fivellas. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho, outros, mas em pequeno numero, usam cota de malha e o capacete de triple cimeira; em geral os capacetes são de couro. Os peões teem tambem cnemidas, e cada um leva muitos dardos compridos na mão; alguns servem-se de lanças com ponta de bronze. Diz-se ainda que entre os povos das margens do Douro ha alguns que vivem á maneira dos Lacedemonios, untando-se com azeite e servindo-se de almofaças e de estufas aquecidas com pedras vermelhas ao fogo ou ardentes, depois banhando-se em agua fria; comendo só uma vez ao dia, sendo a comida bem preparada, na verdade, mas em extremo frugal. Os lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das victimas, observam tambem as veias do peito, e tiram tambem certas indicações do simples contacto. Consultam mesmo em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prizioneiros de guerra, que revestem previamente do *sagum* para o sacrificio, e quando a victima cahe com o ventre aberto pela mão do aruspice tiram o primeiro presagio da propria queda do corpo. Muitas vezes tambem cortam a mão direita aos captivos e as offerecem aos deuses.

7. Todos estes montanhesees são sobrios, bebem só agua, deitam-se no chão; teem cabellos compridos e fluctuantes á *maneira das mulheres*, mas, para combater, cingem a fronte com uma ligadura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Nos seus sacrificios ao deus Marte immolam tambem bodes, e os prisioneiros de guerra e cavallos. Conforme ao uso dos gregos fazem hecatombes de cada especie de victima. Celebram jogos gymnicos, hopliticos e hippicos, nos quaes se exercem no pugilato e na carreira, e simulam escaramuças e batalhas campaes. Nas tres quartas partes do anno o unico alimento na montanha são as glandes de carvalho, que secas, quebradas e pisadas servem a fazer pão: este pão póde guardar-se por muito tempo. Uma especie de cerveja feita com cevada é a bebida vulgar; emquanto ao vinho é raro, e o pouco que se fabrica é em breve consumido nos grandes banquetes de familia tão frequentes entre estes povos. Em vez d'azeite servem-se de manteiga: comem assentados, ha para isto bancos de pedra dispostos em roda das pareces onde os



convivas tomam lugar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Mesmo bebendo os homens põem-se a dançar, ora formando còros ao som da flauta e da trombeta, ora saltando cada um de per si a ver quem mais alto salta e mais graciosamente cahe de joelhos. Na Bastetania as mulheres dançam também misturadas com os homens, cada uma tendo o seu par defrente, a quem de vez emquando dá as mãos. Todos os homens vestem de preto e a dizer a verdade não deixam os seus *sagos* servindo-se delles como de cobertores nos seus leitos de palha sêcca: estes mantos como os dos celtas são feitos de lã grosseira ou de pello de cabra. As mulheres só usam mantos e vestidos de còr feitos de fio cruzado. Nas terras interiores só se conhece pela carencia de moedas o commercio de troca, ou então cortam-se laminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra. Os criminosos condemnados á morte são precipitados; mas os parricidas são lapidados fóra do territorio alem da fronteira mais afastada. As ceremonias do casamento são as mesmas que na Grecia. Os doentes, como antigamente se usava entre os assyrios são expostos nas ruas, para provocar assim os conselhos dos que padeceram as mesmas molestias. Anteriormente á expedição de Bruto estes povos não se serviam senão de barcos de couro para atravessar os estuarios e lagos do seu paiz; hoje começam também a ter embarcações cavadas n'um só tronco d'arvore, mas o uso ainda está pouco divulgado. O sal que recolhem é vermelho – purpura, e só se torna branco sendo pisado, tal é o genero de vida destes montanhezes, e, como já o disse comprehendendo sob esta denominação os diversos povos que marginam o lado occidental da Iberia até ao paiz dos vascões e aos montes Pyreneus, a saber os callaicos, asturos e cantabros que todos teem na verdade um modo de viver uniforme; poderia sem duvida fazer uma lista destes povos mais extensa, confesso que me não chega a coragem para tanto, retrocedo ante o fastio de tal transcrição, imaginando demais que ninguem terá prazer ouvindo nomes como os de Pleutauros, Bardyetas, Allobrigos, e outros ainda menos harmoniosos e menos conhecidos.

8. Demais nem só a guerra originou entre estes povos os rudes e selvagens costumes, estes nasceram também do afastamento extremo em que seu paiz se acha das outras regiões, pois para lá chegar tanto por mar como por terra são precisas jornadas mui longas, e naturalmente esta dificuldade de communicações lhes fez perder os sentimentos de sociabilidade e humanidade. Cumpre dizer todavia que hoje o mal é menor em consequencia do restabelecimento da paz e das frequentes viagens que os romanos fazem nas suas montanhas. Restam ainda algu-

mas tribus que ate ao presente menos teem participado que as outras 'nesta dupla vantagem; estas conservam um caracter mais feroz, mais brutal, sem contar que na maioria dellas esta disposição natural é augmentada provavelmente pela aspereza dos logares, e pelo rigor do clima. Mas, torno a dizer, estão hoje terminadas todas as guerras; os proprios Cantabros que de todos estes povos eram os mais ligados aos habitos de saltadores, foram domados por Cesar Augusto, assim como as tribus que os avisinham, e, em vez de devastar como d'antes as terras dos alliados do povo romano, tomam agora as armas para defender os proprios romanos; tal é tambem o caso dos Coniacios (j), (dos Aruaci), que habitam (a cidade de Segida), nas origens do Ebro, (dos Belli e dos Tythos), Mais ainda Tiberio, pela indicação de Augusto seu predecessor, enviou para estes paizes um corpo de trez legiões, cuja presença já tem feito muito, não só para pacificar, mas ainda para civilisar uma parte d'estes povos.

### Bibliografia

- AGUIAR, João, *A Voz dos Deuses*, Ed. Asa, 1992<sup>13</sup>.  
APIANO, *História das Guerras Ibéricas*, Separata da Rev. ITINERARIUM, Braga, 1991.  
ESTRABÃO, *Geografia III*, Évora, F. C. Bravo, 1878.  
EUTRÓPIO, *Breviarum Historiae Romanae*, Livraria Portuense, Porto, 1886.  
FLORO, *Oeuvres*, Tomo I, Paris, Les Belles Lettres, 1967.  
MATTOSO, José, et alii, *História de Portugal*, Círculo de Leitores, 1992.  
ORÓSIO, P., *História Contra os Pagãos*, Universidade do Minho, 1986.  
*Atlas de L'Antiquité Classique*, A. Van Der Heyden, ed. Sequoia, Paris-Bruxelles, 1961.